

## Judith Butler e o leite de cabra nas mulheres Cariris em Crato-CE<sup>1</sup>

**Ribamar José de Oliveira Junior**  
E-mail: [ribamar@ufrj.br](mailto:ribamar@ufrj.br)  
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

### RESUMO

Neste texto, trago breves reflexões sobre a narrativa das mulheres Cariris na comunidade de Poço Dantas-Umari, no distrito de Monte Alverne da cidade de Crato, no interior do Ceará. Ao levar em consideração as experiências da pajé Rosa Cariri, Nilza Cariri e Vanda Cariri, procuro pensar na dimensão performativa dessas narrativas a partir das histórias contadas naquele encontro, levando em conta as performances de gênero das mulheres ao longo do tempo por meio dos corpos que as recontam. Quando me afeto pela forma como o leite de cabra aparece no passado dessas práticas de memória, sobretudo, pelo contexto em que essa narrativa pode ser reapropriada no presente, lembro do pensamento de Judith Butler com a teoria da performatividade de gênero e questiono sobre quais materialidades e corpos podem importar para esse recontar. Próximo de um dos constitutivos do gênero dessas mulheres, o leite de cabra pode aparecer nessas narrativas como elo entre as temporalidades e a proliferação dos lugares de confluência das performances na matriz da colonialidade do gênero. Afinal, se o gênero é um feito, essas narrativas podem desfazê-lo quando são lembradas, inclusive, provocando o debate sobre as relações de gênero e sexualidade nessa escrita da história dos povos Kariris.

**PALAVRAS-CHAVE:** Mulheres; Poço Dantas-Umari; Gênero e Sexualidade; Judith Butler; Corpo.

## INTRODUÇÃO

Pelo arco que cruza o tempo no rememorar de Rocha (2021), encontro um modo de tracejar esse caminho pelas minhas memórias que iluminam essa breve escrita. Nesse movimento, trabalho em torno de afetações com uma das folhas de um antigo caderno de pautas que encontrei. Abro uma das páginas e encontro a palavra “Kariri” que me leva por lembranças de uma pauta jornalística que tive o prazer de apurar há cinco anos, ainda quando estudava Jornalismo e desenvolvia o projeto de cultura e extensão “Sertão Transviado, Outros Cariris”<sup>2</sup>, vigente entre 2016-2018 e apoiado pelas Pró-Reitorias de Extensão e de Cultura da Universidade Federal do Cariri (UFCA). Ao reencontrar as anotações e a gravação de uma entrevista nessa pauta de 2017 no ano de 2020, relembro de quando fui apurar essa reportagem na comunidade Poço Dantas-Umari, distrito de Monte Alverne, na cidade de Crato, interior do Ceará. Ao reouvir as vozes de Nilza e Rosa e reler o caderno de pautas na apuração no 11 de dezembro de 2017, busco reunir olhares que tensionem as relações de gênero e sexualidade a partir das narrativas dessas mulheres do povo Kariri.

Não é o meu intuito guiar esse olhar para uma perspectiva sócio-histórica do povo indígena de Poço Dantas-Umari, uma vez que Rosiane (2015), Oliveira (2016), Melo (2020) e Nascimento (2022), constroem esse debate sobre a luta, os direitos e o processo do aparecimento político dessa comunidade no desenho da história da região. Por isso, tenho como objetivo desenvolver um olhar mais sensível para as relações de gênero e sexualidade por meio das narrativas das mulheres Cariris, levando em conta dentro desse processo de afirmação e de retomada da etnia a construção do gênero por meio dessa oralidade que remonta o corpo e a história dessa comunidade. Afinal, destaco que eu não teria como adensar sentidos sobre a complexidade dessas práticas somente por esse encontro, sendo essas breves notas uma forma mais de levantar questões e produzir relações em torno desse tema do que de elaborar uma analítica mais profunda, haja vista que busco me situar em um horizonte metodológico no campo da Comunicação com narrativas do cotidiano, buscando entender como essas interações comunicativas cotidianas situam os sujeitos no mundo, entre o pertencimento e a sociabilidade em um constitutivo comum (BRETAS, 2007). Assim, a minha contribuição por enquanto se faz como lembrança e busca alargar o debate sobre corpo, gênero e sexualidade dentro dessas vivências em comunidade.

Nesse sentido, tomo como horizonte a provocação de Pereira (2018) sobre o pensamento de Judith Butler, tendo em vista que procuro não só refletir sobre o que serve dessa teoria da performatividade para compreender o performativo dessas narrativas, mas pensar como este também provoca essa teoria. Como pode o gênero ser construído pelas memórias do povo Kariri e por meio da narrativa das mulheres de Poço Dantas-Umari? Esta questão abre caminhos pela flecha lançada por Rocha (2021) que me afetou na construção deste texto e abriu esse debate no peito do Semiárido e dos povos originários – sobretudo, quando questiona quem compõe a matriz étnica dessa região – desde Dona Tereza Kariri que em 1980 traz no fio da memória todo um cordão a ser tecido o tempo todo, entre passado, presente e futuro. Entre a fala e o corpo, busco compreender de que forma os processos performativos que nomeiam e descrevem, em certa medida, podem deslocar os enunciados e a posição social ocupada por elas na reverberação desse

“comum” em partilha, onde a questão do sensível emerge antes de tudo do corpo e do que nutre essa corporalidade. Ao retomar as palavras *Kiriri*, considero a necessidade de refletir não só sobre a resistência dos povos Cariris no Sítio Poço Dantas-Umari, mas também de perceber de que forma os corpos se posicionam no contorno da região e deslocam enunciados performativos pela própria condição em que são nomeados.

Desse modo, me inclino ao pensamento de Sodré (2017) sobre o que ele traz como uma comunica o transcultural, aquela que traça pontes e abre caminho para novos termos de disputas de sentido, pensando o sensível no empenho de uma descoloniza o ao mesmo tempo  tica e epist mica, onde pela desconstru o do vocabulário hegem nico podemos encontrar novas perspectivas para formas intensivas de existência entrelaçadas pelas a o es comunicativas. Por esse viés, de uma corporalidade em comunica o, vejo na dimensão performativa tecida pela vivência dos antepassados a elabora o de performances de g nero subversivas, enunciadas pelos atos e constituídas pelos processos vinculados ao contexto dessas práticas sociais. Nesse sentido, embaso esse percurso pela comunica o na perspectiva de Bento (2017) que busca nos sentidos da teoria *queer* uma leitura para os “estudos transviados”, sobretudo, quando penso que a suposta natureza do g nero   não ser natureza, trazendo o fazer deste por meio do dia a dia e da reivindica o dessa memória do passado no fôlego vivo do corpo no presente. No caminho de Simakawa (2020), vemos o entrelaçar entre a linguagem, a imagina o e a decolonialidade como possibilidade de pensar a própria identidade de g nero, levando em conta as interseccionalidades e suas localiza o es. Ou, até mesmo de cultivo desse corpo, como nos diz Almeida-Janda ira (2022), na inspira o indígena contra colonial. No cultivo dessas narrativas em memória, contamos mais uma história de um futuro ancestral (KRENAK, 2022).

### **O LEITE DE CABRA E A MEMÓRIA DAS MULHERES**

A seguir, trago afetos com o encontro entre a pajé Rosa Cariri e Nilza Cariri de Poço Dantas-Umari, através de uma reunião que foi gentilmente organizada por Vanda Cariri no dia 11 de dezembro de 2017 na comunidade. Embora essa escrita possua fluxos temporais distintos, encaro pela vivência dessas mulheres uma possibilidade de cultivo dessa remem ria por essa entrevista e do ainda reverbera dela. Assim, naquela tarde encontrei Vanda Cariri na cidade de Crato e seguimos para Monte Alverne até a comunidade Poço Dantas-Umari, no sentido de al armos um percurso juntos por essas memórias. Sentado em uma cadeira ao lado dessas mulheres, no meio do terreiro da comunidade, escuto as histórias e penso que esse feminino Kariri pode habitar essas memórias com a força de reivindicar tanto o nome como uma performance de g nero subversiva frente às normas sexuais de e g nero que condicionaram a posi o da mulher ao longo da história. Depois da conversa, Nilza nos levou para dentro de casa e fez um café, construindo a narrativa – pelos modos comuns do fazer e dizer (BRETAS, 2007) – a partir do corpo presente e seus atos cotidianos, tanto no estímulo de Vanda Cariri como nas “modula o es” (SODRÉ, 2017) de cada ponto anotadas dessas narrativas no meu caderno

*“Olha Leila, ele tem vento caído e mau olhado”<sup>3</sup>*, contava Rosa Cariri sobre o estado do neto visto pelos efeitos da reza de sua falecida tia, Raimunda Cariri, rezadeira e uma das mulheres mais antigas da memória da comunidade Poço Dantas-Umari. No momento em que Rosa narrava o episódio, Leila, uma das suas três filhas mulheres, como ela se referia, chega com um balde de água na cabeça. Naquela época, em 2017, a comunidade ainda relatava a falta de água e a luta para a organização de uma associação comunitária que mobilizasse pautas políticas e acionasse o poder público municipal para a luta de reconhecimento da população.

Quando falava da espiritualidade, Rosa Cariri explicava que Raimunda fez parte da última geração de mulheres rezadeiras Cariri, embora algumas pessoas ainda rezassem na comunidade. Ela dizia que a tia tinha habilidade de adivinhar quando o problema era *“doença de doutor”* ou *“doença de reza”*. Quando o caso era o primeiro era necessário levar a criança para o Crato, quando o caso era o segundo, *“Tia Munda”*, como Rosa chamava, colocava em prática o que aprendeu com os povos indígenas mais antigos. Nascida e criada na comunidade Poço Dantas-Umari, Rosa Cariri contava sobre a sua trajetória com suas filhas e seus filhos. *“Tive três abortos e seis de tempo. Três meninas mulheres em casa e três homens na maternidade”*, dizia sentada em uma cadeira na frente de casa, no terreiro do sítio.

Quando relembra como era a comunidade há alguns anos, Rosa Cariri dizia que era melhor quando não tinha energia, pois as pessoas conversavam mais. Depois da eletricidade, as pessoas deixavam o terreiro para acompanhar as suas novelas às 18h. *“Todo mundo vai pra dentro assistir suas novelas preferidas, antes ficavam no terreiro”*. Antigamente, de acordo com Rosa Cariri, a população morava em casas separadas, mais distantes, e aos poucos foi adentrando o que era do seu povo. Das pessoas mais antigas, ela recordava dos seus avós Honorato Cariri e Rosa Cariri. Com uma família criada no trabalho braçal, Rosa teve cinco irmãos. Quando relembra as práticas mais ancestrais, ela falava sobre um bem viver de levar a vida do jeito que começo. O que para ela mais tinha mudado eram os ingredientes utilizados nas refeições do dia a dia. Milho, feijão, mungunzá e xerém deram lugar ao arroz e feijão na mesa, embora a culinária mais antiga ainda fosse muito presente no fogão, inclusive nessa época, aceso à lenha. Antigamente, ela dizia que o prato principal era a farinhada. *“Essas terras eram todas plantadas de mandioca que chega à vista da gente cansava. A gente rapava a mandioca, torrava a farinha e fazia a goma de fazer tapioca”*, explicava Rosa que naqueles anos era pequena e via a mãe fazendo esse processo de trabalho com a raiz.

*“Naquela época as mulheres não sobreviviam como sobrevivem hoje com outros ganhos, não tinham Bolsa Família, estudo, um bom emprego”*, contava Rosa sobre a principal fonte de renda das mulheres ser o ato tear redes. Segundo ela, as mães não tinham bons empregos e precisavam ajudar os companheiros na roça. Quando casadas, precisavam da autorização do marido para ir trabalhar no centro do Crato vendendo as redes na antiga feira. A rotina começava na segunda-feira com o trabalho dividido, as mulheres teciam as redes e os maridos vendiam. *“Quem tinha um jumentinho levava na carga, quem não tivesse levava na cabeça, nas costas...”*. Enquanto ela falava sobre esse período, relembra de alguns ditos populares que existiam e amedrontavam as mulheres que faziam esse percurso de

Poço Dantas-Umari para o Crato por dentro da mata na Chapada do Araripe. *“Diz que uma vez estava aparecendo um ‘véi’ que tava pegando gente e nós tiramos a serra toda correndo. Diziam que tinha onça, a gente chegava morrendo de medo, sem fôlego, a serra era tão plana que a gente chega ficava sem coragem de caminhar”*. Do ato de tear, Rosa explicava que só sabia fazer as franjas e colocar nas redes, pois ainda era muito pequena. Ela contava que com 10 anos de idade fazia os passos iniciais e, em seguida, a mãe completava.

*“A gente sobrevivia, as mulheres, de tecer”*, dizia. De acordo com ela, o fio era colocado no centro do tear e as meninas crianças, auxiliando às mães, iam rodando a máquina e enrolando o fio até tecer o tecido da rede com sustança. *“Os dentes subiam e desciam, passava a lançadeira e puxava o pente, eu achava muito bonito, mas não aprendi”*. Enquanto as mulheres se dedicavam a tear redes, os homens brocavam o terreno da roça. Quando falávamos sobre o estudo na infância, Rosa Cariri dizia que os pais não costumam deixar os filhos irem estudar no Crato por uma questão de trabalho, tendo em vista que ajudavam na roça e somavam no sustento. *“Tia Nilza também aprendeu a gaguejar alguma coisinha, muita gente na comunidade não foi alfabetizada”*, falava sobre as pessoas semianalfabetas em Poço Dantas-Umari.

A maioria das casas da comunidade era pisada com a tradição do Coco, incorporada por alguns moradores de Poço Dantas-Umari vindos de Alagoas. *“Aí a gente, a maior parte, quando chegavam aqui fazia casa de taipa e se juntava os amigos, compravam bastante cachaça e aterrava a casa dançando Coco, e todas as casas eram construídas em comunidade”*, lembrava Rosa. Assim, jogava o barro no chão, pisava com a dança, colocava uma camada fina de areia e jogava novamente o barro no chão para dar continuidade ao processo. Para isso acontecer, Rosa dizia que bastava fazer comida e chamar as famílias para pisar o Coco. Outra dança que Rosa lembrava muito era a dança do Toré, ela dizia que só precisava fazer a roda para ela entrar e dançar.

Até aquela época, Rosa narrava que uma das maiores mudanças foi como as mulheres lidavam com a maternidade. *“O tempo mudou totalmente, já vem do nascimento, se a mulher vai ter o bebê faz chá de nascimento, convida as amigas, ganha meio mundo de coisa importante, roupa, e vai ter todo mundo na maternidade e antigamente eram com as parteiras, pra ser enrolado o bebê tinha as amigas da mãe”*. Antigamente, Rosa lembrava que era comum as mulheres pedirem umas às outras que guardassem os panos para a hora do parto em casa. *“Ei, mulher, já tô esperando neném, guarda as sainhas pra mim!”*, recordava Rosa. “Sainhas” eram os panos rasgados pelas amigas da mulher gestante para enrolar o bebê nas primeiras horas do nascimento. *“Às vezes compravam umas chitas tão ruins, já ‘acabando de morrer’<sup>4</sup> e se faziam as camisetinhas do bebê”*. As roupas dos filhos das mulheres Cariris eram dos fios do saco de açúcar e eles eram banhados em um prato de barro ou uma grande gamela de pau. A mamadeira era feita de *“uma borracha vermelha que colocava num frasquinho”*, articulava Rosa sobre o período em que as crianças viviam de papa e do leite animal e materno.

Uma das práticas que também reuniam as mulheres em comunidade era *“bater”* roupas no açude. Para isso, era necessário adentrar a meata atrás da fruta chamada tingui para fabricar artesanalmente o sabão. *“Trazia o tingui, colocava de*

*molho, tirava a 'peinha'<sup>5</sup> amarelinha e pra fazer o sabão tinha que ser branco, aí comprava potássio e quando acabar mexia com o sabão”, descrevia Rosa sobre a técnica de retirar a primeira camada na cor amarela do fruto, utilizar apenas a parte de dentro da cor branca e misturar a última com o potássio de molho no balde. “Eu alcancei que até fiz pra mim quando me casei”. Era com o sabão de potássio que banhavam os bebês. O mingau das crianças era de leite de cabra. “Pra fazer o mingau hoje tem que ser com Mucilon, Maisena, Cremogema, Leite Ninho, Nan 1, Nan 2, antigamente era leite de cabra. Pegava de nossas mães que criaram ‘meio mundo’ de cabra”, relembra Rosa. Quando as crianças choravam com fome, as mulheres pegavam o leite do peito da cabra que era criada geralmente no quintal e iam no saco de farinha. Elas espalhavam a mistura do leite com a farinha em uma cuia para retirar o pó que restava do alimento e esperavam escorrer a massa. Para assim, dar em dedadas o mingau de farinha na boca dos bebês e das crianças. Enquanto Rosa falava isso, uma de suas netas perguntava: “eu tomei leite de cabra né, vó? Por isso sou escrota!”.*

Escutando toda essa conversa, Nilza Cariri, uma das mulheres com idade mais avançada na comunidade, relembra que sua avó foi puxada para fora do útero por um cachorro. O café de Nilza, mais conhecida como Dona Nilza, era muito doce, coado no pano e fervido no fogão à lenha. Ela lembrava que quando mais jovem ia deixar “o de comer” na roça para os homens, criava os filhos e ainda trabalhava em algumas casas do Crato. Nilza teve nove filhos, mas naquela época tinha quatro. Das atividades diárias, ela recordava da roça e das lavagens de roupas. Embora achasse bonita a pisada do Coco, ela dizia que nunca dançou muito. De bengala, ela ainda possuía uma vida muito ativa e lúcida. Vanda Batista foi uma das mulheres de Poço Dantas-Umari que, com muito esforço, conseguiu sair da comunidade e aos nove anos começou a trabalhar para estudar e chegar ao nível de Doutora em Geografia pela Universidade Estadual Paulista (Unesp). Criada na comunidade, ela explicava que naquela época tinha muitos primos que também estudavam e faziam faculdade, tanto na Universidade Regional do Cariri (URCA) como na Universidade Federal do Cariri (UFCA), levando os conhecimentos dos Cariris para outros lugares.

### **PERFORMANCES DE GÊNERO NO RECONTAR CARIRI**

A partir da narrativa de Rosa Cariri e Vanda Cariri, percebemos que nessas memórias sobre as vivências das mulheres Cariris as performances de gênero são construídas pelas normativas sexuais e de gênero que condicionam a uma suposta essencialização da mulher, levando em conta o eixo binário entre o masculino e o feminino nas relações sociais e culturais da comunidade de Poço Dantas-Umari. De tal modo, Lasmar (1999) cabe destacar a importância de perceber os processos sociais envolvidos na constituição das relações entre os gêneros pelas mulheres indígenas, se voltando para a escuta dessa parte que compõe as histórias. Assim, o mais interessante nessas narrativas de memória aparece na conjugação entre o passado e o presente que apresenta uma fissura por meio de reiteração dessas performances em narratividade, sobretudo, no exercício performativo de contar na lembrança pela busca de uma base comum mais ampla em torno que as une, como fala Anzaldúa (2005). Na perspectiva de Lugones (2014), podemos observar

esse exercício performativo dentro da colonialidade do gênero, uma vez que se tratando dessas narrativas de mulheres indígenas podemos perceber como a descolonização do gênero enquanto práxis nessas histórias que resistem ao longo no tempo. “Saliento as resistências concretas, vividas, à colonialidade do gênero” (LUGONES, 2014, p. 942).

No sentido de adentrar um pouco no olhar histórico, quando falamos sobre essa memória dos indígenas que habitaram a região do Cariri antes da colonização, encontramos o pensamento de Limaverde (2015) sobre os desafios desse caminho, uma vez que a própria historiografia se construiu em torno dos colonizadores da região. Assim, há uma história que precisa ser contada à luz da memória desse povo, onde o próprio corpo aparece como uma prova do testemunho. Nessa esteira, a autora nos mostra que a presença dos índios Kariri no Nordeste antecede a chegada dos colonizadores, haja vista que no Ceará o Vale do Rio Salgado e seus respectivos afluentes, entre o Rio Cariús e o Riacho dos Porcos, foram os caminhos desse povo até a sua fixação no Cariri, cujas migrações remontam a datação de 3 mil anos (BP), a exemplo das pinturas e gravuras rupestres no Sítio Arqueológico do Olho D’água, em Nova Olinda, e no distrito de Santa Fé, em Crato.

“A memória indígena foi até então relegada à marginalidade do plano do duro esquecimento, tal qual o duro plano do pátio da Igreja Matriz da Sé Catedral do Crato, onde a memória do aldeamento da Missão do Miranda se encontra enterrada” (LIMAVERDE, 2015, p. 90).

Desse modo, Oliveira (2016) aponta que esse mesmo processo histórico de “invisibilidade” dos índios Kariri, desde os sertões dos Cariris Novos – nomeação na região Sul da Capitania do Ceará, atribuída pelos colonizadores para diferenciar o território da Capitania da Paraíba, também nomeada de “Sertão dos Cariris” – na segunda metade do século XIX reflete um projeto histórico colonizador que fez com que o povo Kariri se reconfigurasse social, espacial e temporalmente desde os aldeamentos até a expulsão dos territórios. Esse processo de “invisibilidade” situa uma produção discursiva em torno desse apagamento ao longo do século XX, sendo uma memória pouco explorada dada a “inexistência” desse povo. Por isso, quando Melo (2020) fala que os índios Cariri do Cariri descendem de um processo de mistura étnica entre o século XVIII e século XIX de um processo de colonização tardio, de 1703 e 1792, ele destaca que esses índios aldeados na missão dos Cariris Novos em Missão Nova e Missão do Miranda, atuais cidades de Missão Velha e de Crato, respectivamente, foram submetidos a uma política indigenista de expulsão para o litoral, em Parangaba e Caucaia, que se deu com força no ano de 1780 pelo Governo do Estado do Pernambuco que tinha ligação como Ceará.

De acordo com Melo (2020), os Cariris que resistiram no Cariri foram invisibilizados e mudaram até de nome para não serem identificados, haja vista que ser índio, por assim dizer, era sinônimo de uma cultura atrasada e até mesmo selvagem. Próximo do olhar das relações de gênero e sexualidade, o autor destaca que antigamente havia lugares demarcados pela divisão do trabalho a partir de práticas dos homens e das mulheres. Tais ações aparecem divididas entre as atividades de caça e os ensinamentos de pai para filho. Os homens cuidavam da roça e as mulheres do plantio e da colheita. Eles eram grandes atiradores e ensinavam aos filhos, porém em alguns casos os meninos também poderiam fazer

balaios e artesanatos em cerâmica. Elas ensinavam as filhas a tecerem redes e a fiarem algodão. Os Kariris eram poligâmicos, não praticavam antropofagia e nem utilizam tacapes em guerras, usavam urucu ou jenipapo para se pintarem, assim como batoques para enfeitarem a boca e as orelhas. No entanto, o que mais nos interessa é o que ele pontua sobre as mulheres exercerem um tipo de matriarcado.

em 1980, com a emergência de questões ambientais-indígenas no país, o autor destaca que houve uma insurgência do orgulho de ser cariri para os membros do grupo étnico de Poço Dantas-Umari que ganha mais força em 2010. Antes disso, os Cariri eram apenas autodeclarados no censo do IBGE. Segundo dados dele, há duas comunidades Kariri em Crateús e São Benedito, existindo outros povos ao longo das margens do Rio São Francisco, em Alagoas e na Bahia. É importante destacar que essas comunidades mais de 200 anos depois ainda resistem. Os atuais moradores do Sítio Poço Dantas-Umari herdaram, conforme Melo (2020), o sobrenome Cariri com C nos documentos oficiais registrados em cartório. Como completa Nascimento (2022), os movimentos e processos de identificação, organização e aparecimento político de agrupamentos indígenas no Ceará que se desenvolveram a partir de 1980 articularam uma potente rede de atuação em níveis regionais e nacionais. ao citar a fala de Tereza Kariri no I Seminário Povos Indígenas do Cariri Cearense, realizado em Poço-Dantas-Umari no Crato, dia 9 de agosto de 2019, o autor nos mostra o força dessas memórias por meio tanto do protagonismo de Tereza Kariri como dos processos de identificação do grupo. Inclusive, ele pontua que ao contrário do discurso do desaparecimento o que se tem é o aparecimento contínuo desses povos ao longo do Ceará e no Cariri. Em consonância, quando Rocha (2021) fala que a história do Semiárido e dos seus povos originários ainda está por ser contada e Almeida-Jandaíra (2022) pensa sobre o cultivo corporal na sua atuação em Poço Dantas-Umari, ambas em processo de retomada Kariri, vemos desde a flecha de uma memória até o pé de Cajarana devastado na comunidade a possibilidade de contar mais uma história com essas memórias que se estendem em narrativas como raízes.

Entre os cultivos da fala e desse corpo, busco compreender de que forma os processos performativos que nomeiam e descrevem essas mulheres, em certa medida, podem deslocar os enunciados e a posição social ocupada por elas. Por isso, pensamos a perspectiva do matriarcado das mulheres Cariris e nas narrativas de Rosa Cariri e Nilza Cariri como formas de entender essa construção identitária a partir dessas memórias do que é ser mulher, sobretudo, no sentido de articular como o ato de contar sobre esse modo de ser permite uma outra repetição dessa mesma condição. Desse modo, pensamos com Butler (2016) que se o gênero é sempre um feito, ainda que não obra de um sujeito tido como preexistente a esta mesma obra, levamos em conta que essas narrativas nos mostram a possibilidade de questionar a identidade de gênero por trás dessas expressões de gênero, tendo em vista que esse recordar mostra que essa identidade é performativamente construída por essas expressões que aparecem *em* narração. “O gênero é a estilização repetida do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida, a qual se cristaliza no tempo para produzir a aparência de uma substância (...)” (BUTLER, 2016, p. 69). Assim, quando Rosa Cariri fala sobre suas próprias lembranças em um arco temporal que vai da sua mãe até a sua neta, encontramos nesse contar a possibilidade de refletir sobre a construção performativa do gênero por meio das práticas materiais da cultura dos



antepassados Cariri, especialmente, na forma como uma mulher de uma outra geração ao ouvir essa mesma história pode contestar a temporalidade na confusão entre “causa” e “efeito”.

Essa questão é importante para pensar a construção performativa do gênero porque pelas práticas das mulheres Cariri diante das lavagens de roupas, do cultivo da roça e da própria maternidade, condicionadas pelas práticas reguladoras de formação e divisão do gênero no domínio binário, a interpelação dos enunciados que se deslocam ao longo da repetição dessas performances, uma vez que esses modos de enunciação performativos e descritos, tanto do que realizava ser mulher na condição da comunidade como o que descrevia esse papel nas atividades, são historicamente desarticulados pelas dinâmicas das tradições, dos costumes e dos ritos na narração do presente. Quando Rosa Cariri fala do leite de cabra e uma das suas netas se apropria dessa narrativa e a reitera essa performance de gênero a partir de uma subversão do que significa ser mulher, vemos a proliferação do tropo temporal do gênero por lugares de confluência e resignificação. “A tarefa não consiste em repetir ou não, mas em como repetir ou, a rigor, repetir e, por meio de uma proliferação radical do gênero, afastar as normas do gênero que facultam a própria repetição” (BUTLER, 2016, p. 255). Se o gênero é essa estilização repetida pelo corpo, o que essas narrativas que repetem vivências de gênero das mulheres Cariri podem desestabilizar de modo descontínuo e no desvio por outras formas de continuidade? O que é ser uma mulher Cariri?

Como foi possível perceber, a exemplo de uma das dimensões narrativas, o leite de cabra aparece na memória das mulheres Cariris não só pela forma de contar a história dos antepassados, mas de criar outras histórias para o futuro. Assim, vemos o leite de cabra, apenas como um dos elementos constitutivos da performance de gênero das mulheres Cariris, entre a instabilidade e ambivalência diante das próprias categorias de classificação do gênero nas quais as normas pretendem designar. No contexto em que Rosa Cariri, Nilza Cariri e Vanda Cariri fazem esses relatos de si mesmas, pensamos no que Butler (2017) pontua sobre a reconstrução narrativa de uma vida que por vários si-mesmos fazem do corpo singular uma leitura de como a narrativa não pode ser capturada pelas próprias opacidades que são necessárias ao entendimento de si mesmo. “Quando o ‘eu’ busca fazer um relato de si mesmo, pode começar consigo, mas descobrirá que esse ‘si mesmo’ já está implicado numa temporalidade social que excede suas próprias capacidades de narração” (BUTLER, 2017, p. 18). De fato, essas narrativas parecem produzir esse si-mesmo que se forma na história, desafiando essa história dada sobre essas formas de ser, uma vez que o relato como ato possui uma própria atuação pelo outro e diante do outro proporciona uma autotransformação, na forma como fazer o relato de si se aproxima de localizar essas práticas por onde as condições sociais podem ser retrabalhadas no nível narrável da existência.

Nesse breve exemplo do leite de cabra na narrativa das mulheres Cariris, encontramos possibilidade de pensar nas relações de gênero e sexualidade que constituiu esse povo. No sentido de refletir sobre o corpo em aliança pela narrativa delas, vale pensar que nessa narratividade não se trata apenas desse ou daquele corpo tecido nessa rede de relações, mas de um corpo que em suas mesmas fronteiras é definido por essas relações que tornam a sua ação possível. É quando Butler (2018) nos fala que um modo de relação que repetidas vezes coloca algum

aspecto em questão. O corpo dessas mulheres conjugado em uma memória de aparecimento mostra essa há uma dependência que se faz possível para continuar a contação das histórias e a vocalização da narrativa. Assim, entendemos que a possibilidade de ressignificação parece ser derivada dessa memória que escava essa história ao passo que cita as vivências. Essa mesma memória retoma e cita o gênero de modo performatizado, mas vale destacar que essas narrativas em performance não atuam na produção de uma suposta “verdade” do gênero e possuem a capacidade de contestar e inventar a performatividade feminina, como nos fala Butler (2019).

Evidentemente, não poderíamos pensar somente nessa afirmação em torno do leite de cabra como um modo de desfazer o “gênero” pelas narrativas da memória, mas é interessante pensar como esse constitutivo atravessa o tempo e nos mostra que o próprio gênero está sempre vindo de um lugar outro e voltado para outro lugar que está além (BUTLER, 2022), oriundo de uma sociabilidade que nem mesmo essas mulheres foram autoras, mas que atravessam os seus corpos e suas histórias. Se o leite de cabra oferece um horizonte para pensar nesse “eu” em narração, vale pensar que o exercício performativo desse contar se abre para essa condição que se desconhece e permite o aparecimento pelo contar do corpo. “Ainda assim, é através do corpo que o gênero e a sexualidade ficam expostos aos outros, implicados em processos sociais, inscritos por normas culturais e apreendidos em seus significados sociais” (BUTLER, 2022, p. 42). Como forma de problematizar as categorias sexuais e de gênero, o leite de cabra revela nuances dos processos que constituem as mulheres Cariris e as práticas que as diferem como atos de gênero que rompem com essas mesmas categorias.

A fim de levar esse olhar de Judith Butler por meio das suas brechas e das possibilidades de mediação e dos seus limites, encontro o pensamento de Pereira (2018) sobre provocar o pensamento da autora – que não deve ser aplicado, mas sempre experimentado – na medida em que considero a multiplicidade dos agentes e suas formas de agência. Não quero fazer que nem Pelúcio (2012) que convidou Paul B. Preciado para abandonar o *testo gel* e provar ayahuasca – que nesse caso, seria chamá-lo para saber provar esse leite de cabra, pois aqui isso pouco interessa, o que me instiga seria pensar em como essas teorias servem e até onde alcançam para pensar nessas narrativas. O cocar na cabeça da pajé Rosa Cariri fala mais sobre esse corpo menos tecno e mais ritual. Nesse contexto, Pereira (2018) questiona sobre como essa teoria performativa poderia ser revista por outras materialidades e outros corpos, na aproximação de outros saberes e outras subjetividades para além do quadro da autora. Embora esse pensamento de Butler ofereça a possibilidade de leitura sobre as narrativas dessas mulheres, o que essas mulheres podem provocar na dimensão performativa de construção do gênero que se materializa em seus rituais e performatiza suas vivências na memória de um povo Cariri? Sem dúvidas, essas teorias formam um quadro insuficiente para compreensão do que essas narrativas podem reverberar. Assim, relaciono o pensamento performativo de Butler com o leite de cabra nas mulheres Cariris como forma de refletir sobre o corpo nos Cariris e ponderar sobre essas outras materialidades constitutivas dos gêneros por esses processos e essas materialidades em experiência no contar. Distante mesmo das tecnologias do gênero, esses rituais e essas práticas nos mostram a construção de um gênero no meio de terreiro, onde o contar se faz matiz de um futuro por vir.

Em sintonia com o pensamento de Simakawa (2020) caberia pensar no quanto as narrativas dessas performances de gênero na história das mulheres Cariris podem engendrar, nesses processos de retomada no Poço Dantas-Umari em uma perspectiva interseccional, a abertura para a categoria identidade de gênero por meio de outras linguagens e imaginações, tanto na recusa de essencialismos que historicamente marcaram a posição dessas mulheres nos enredamentos coloniais como na possibilidade de desestabilizar essas construções ao ponto de serem proliferadas em múltiplos efeitos de suas práticas. “Nas fronteiras entre natureza e cultura, dentro dessas relações globais de poder, que condições te(re)mos para re+imaginar coletivamente nossos lugares no mundo?” (SIMAKAWA, 2020, p. 465).

Como nos fala Krenak (2022) sobre um futuro ancestral, estamos articulando que essas narrativas constroem memórias para o amanhã que apenas recomeçou. Na proposição dessas cartografias depois do fim, ele traz camadas de mundos onde as narrativas são plurais e evocam diferentes histórias, dando sentido às experiências singularidades de cada povo e nas confluências de um mundo diverso. Essas narrativas de mulheres Cariris afluem em confluência a partir de um lugar e não ficam presas somente ali, sobretudo, por meio de alianças afetivas onde as mulheres podem em si mesmas produzir afetos e sentidos na experimentação desse corpo cultivado. “Para começar, o futuro não existe – nós apenas o imaginamos” (KRENAK, 2022, p. 50). Se esse futuro é imaginado, podemos pensar no cultivo desses corpos nos modos como Almeida-Jandaíra (2022) retoma a imagem desse pé de Cajarana no meio do terreiro da comunidade, no sentido de reconvidar o corpo social para os mundos possíveis em movimento. Sem dúvidas, o processo de retomada de Rocha (2021) abre o debate para as relações de gênero e sexualidade das mulheres Cariri e não está nem lá e nem cá, mas no movimento dessa própria flecha que ilumina.

### **MATRIARCADO POR FUTURO ANCESTRAL**

Quando reescrevo essas reflexões a partir desse encontro em uma pauta jornalística, vejo o que já estava escrito a exemplo do editorial “*Wonghebü*” que do *Kiriri* (RODRIGUES, 2018) significa andar no caminho errado, assinado na 6ª edição do Jornal Sertão Transviado, e faço dessa história do leite de cabra na comunidade de Poço Dantas-Umari um modo de explorar essas relações de gênero e sexualidade no povo Cariri, pois nessa possibilidade de estimular essa memória sobre a Nação Kariri podemos escavar como foram historicamente atribuídas e articuladas as categorias sexuais e de gênero na cultura desse povo. Evidentemente, este texto não dá conta dessas questões, apenas oferece um curto caminho de pensar nesse debate no processo de retomada e aparecimento Cariri em Crato. É interessante observar como de 2017 para 2022 a comunidade de Poço Dantas-Umari se transformou e continua se transformando com suas histórias, sobretudo, com a organização da associação que naquela época era um projeto e hoje aparece com Vanda Cariri na presidência e na força de Rosa Cariri como pajé dessa aldeia Cariri.

Recentemente, assisti ao documentário experimental “Fôlego Vivo”<sup>6</sup> (2021) realizado pela Associação dos Índios Cariris de Poço Dantas e percebi que essas narrativas como as de Rosa Cariri se fortaleceram mais ainda, a exemplo do diálogo dela no filme com Joedson Nascimento no terreiro da comunidade, recuperando essa noção de “fôlego vivo” – pela forma como eram conhecidos os Kariris diante das suas bravas oposições às invasões colonizadoras. Não só na narrativa de Rosa Cariri, mas também de Vanda Cariri, vemos a força na luta da comunidade diante do extrativismo dos saberes. O rosto de Nilza Cariri no final do vídeo é a metáfora encarnada desse próprio fôlego vivo. Ainda, tive contato com o registro audiovisual “Saberes e sabores: os indígenas Cariris (r)eXistem”<sup>7</sup> (2020) e observo as práticas, os saberes e a crença em movimento. Além disso, a voz de Rosa Cariri na narrativa audiovisual “Os Cariri de Umari - Dos troncos velhos para os troncos novos”<sup>8</sup> (2021) se faz como tessitura desse futuro ancestral no peito do terreiro.

Portanto, o leite de cabra foi apenas um dos elos dessa narrativa que segue pelos fios entrelaçados entre corpos dessas mulheres que incorporam os Cariri, sendo mobilizado pela partilha dos saberes da comunidade de Poço Dantas-Umari. A dimensão performativa dessas narrativas perdura ao longo da história pela força discursiva da sua construção, sobretudo, no processo de retomada da etnia dos povos indígenas Cariri. Quando essas memórias do passado são recontadas existe a possibilidade de reiteração das normas que a constituiriam, pela lembrança no presente, fazendo com que essas construções do gênero sejam ressignificadas e colocadas em questão nesse feminino ao longo do tempo. O matriarcado nessa história Cariri nos mostra que essas narrativas das mulheres Cariri são o futuro que podemos imaginar.

Do alto do cocar da pajé Rosa Cariri, vemos o amanhã.

## Judith Butler and milk goats in the Cariri women in Crato-CE

### ABSTRACT

In this text, I present short reflections on the narrative of Cariri women in the community of Poço Dantas-Umari, in the district of Monte Alverne in the city of Crato, in the countryside of the Brazilian state of Ceará. By taking into account the experiences of the pajé Rosa Cariri, Nilza Cariri, and Vanda Cariri, I try to think about the performative dimension of these narratives from the stories told in that encounter, considering the gender performances of women along time through the bodies that retell them. When I am affected by the way goat milk appears in the past of these memory practices, especially, by the context in which this narrative can be reappropriated in the present, I remember Judith Butler's thought with the theory of gender performativity and question about which materialities and bodies may matter for this retelling. One of the constitutives of gender for these women, goat milk may appear in these narratives as a link between temporalities and the proliferation of the places of confluence of performances in the matrix of gender coloniality. After all, if gender is an act, these narratives can undo it when they are remembered, even provoking the debate about gender and sexuality relations in this writing of the history of the Kariris.

**KEY-WORDS:** Womens; Poço Dantas-Umari; Gender and Sexuality; Judith Butler; Body.

## Judith Butler y la leche de cabra en las mujeres Cariri de Crato-CE

### RESUMEN

En este texto, traigo breves reflexiones sobre la narrativa de las mujeres Cariri en la comunidad de Poço Dantas-Umari, en el distrito de Monte Alverne de la ciudad de Crato, en el campo de Ceará. Tomando en cuenta las experiencias de la *pajé* Rosa Cariri, Nilza Cariri y Vanda Cariri, intento pensar en la dimensión performativa de estas narrativas a partir de las historias contadas en ese encuentro, tomando en cuenta las performances de género de las mujeres a lo largo del tiempo a través de los cuerpos que las relatan. Cuando me afecta la forma en que la leche de cabra aparece en el pasado de estas prácticas de memoria, especialmente por el contexto en el que esta narrativa puede ser reapropiada en el presente, recuerdo el pensamiento de Judith Butler con la teoría de la performatividad de género y me cuestiono sobre qué materialidades y cuerpos pueden importar para este recuento. Cerca de uno de los constitutivos de género de estas mujeres, la leche de cabra puede aparecer en estas narrativas como un vínculo entre temporalidades y la proliferación de los lugares de confluencia de las actuaciones en la matriz de la colonialidad del género. Al fin y al cabo, si el género es un logro, estas narraciones pueden deshacerlo al ser recordadas, provocando incluso el debate sobre las relaciones de género y la sexualidad en esta escritura de la historia de los pueblos Kariris.

**PALABRAS-CLAVE:** Mujeres; Poço- Dantas-Umari; Género y Sexualidad; Judith Butler; Cuerpo.

## NOTAS

1 Pesquisa realizada com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ) – Programa Nota 10.

2 Ver a edição do Sertão Transviado: <http://issuu.com/sertaotransviado>

3 Conjunto de entrevistas concedidas por Vanda Cariri, Rosa Cariri e Nilza Cariri para Ribamar Oliveira no dia 11 de dezembro de 2017 em Poço Dantas-Umari, Monte Alverne, Crato-CE.

4 Expressão usada para se referir aos tecidos como velhos ou de utilidade imprópria.

5 O termo se refere a pedaço ou tira fina da casca do fruto na cor amarela.

6 Ver documentário: [https://www.youtube.com/watch?v=H26Sdw\\_o0ak](https://www.youtube.com/watch?v=H26Sdw_o0ak).

7 Ver registro: <https://www.youtube.com/watch?v=tt2v34Xxlgc>.

8 Ver narrativas: [https://www.youtube.com/watch?v=6p\\_7V89pE4g](https://www.youtube.com/watch?v=6p_7V89pE4g).

## AGRADECIMENTOS

Agradeço ao encontro com Vanda Cariri que na época muito gentilmente teve o gesto de me mostrar o caminho até Poço Dantas-Umari e ao afeto com Ricky Seabra que me abriu ao *Kiriri* em uma visita ao Museu Histórico do Crato.

## REFERÊNCIAS

ANZALDÚA, Gloria. *La conciencia de la mestiza: rumo a uma nova consciência. Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 13, n. 3, p. 704-719, dez, 2005.

ALMEIDA-JANDAÍRA, Lígia Marina de-Juma. “Biomecânica do beijú: por mais cultivos corporais de inspiração (in)díg(e)na contra(os treinamentos do artista cênico) coloniais”. In: SILVA, Carlos Alberto Ferreira da. **Teatro & educação no contexto contemporâneo**. Rio Branco: Edufac, 2022. p. 123-150.

BENTO, Berenice. **Transviad@s: gênero, sexualidade e direitos humanos**. Salvador: Edufba, 2017.

BRETAS, Beatriz. “Interações cotidianas”. In: GUIMARÃES, César; FRANÇA, Vera. **Na mídia, na rua: narrativas do cotidiano**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. p. 29-42.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão de identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

BUTLER, Judith. **Relatar a si mesmo: crítica da violência ética**. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

BUTLER, Judith. **Corpos em aliança e a política das ruas: notas para uma teoria performativa de assembleia**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

BUTLER, Judith. **Corpos que importam**: os limites discursivos do “sexo”. São Paulo: n-1 edições, 2019.

BUTLER, Judith. **Desfazendo gênero**. São Paulo: Editora Unifesp, 2022.

KRENAK, Ailton. **Futuro ancestral**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

LASMAR, Cristiane. Mulheres indígenas: representações. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 7, n. 1 e 2, p. 1-14, jul-dez, 1999.

LIMAVERDE, Rosiane. **Arqueologia social inclusiva**: a Fundação Casa Grande e a gestão do patrimônio cultural da Chapada do Araripe. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Universidade de Coimbra. Lisboa, 2015.

LUGONES, María. Rumo a um feminismo descolonial. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 22, n. 3, p. 935-952, dez, 2014.

MELO, José Patrício Pereira. **Índios Cariri**: identidades e direitos. Rio de Janeiro: Editora Lumens Juris, 2020.

NASCIMENTO, Francisco Joedson da Silva. Presença, silenciamento e aparecimento político dos povos indígenas no Ceará. **Revista Tamoios**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 2, p. 82-96, dez, 2022.

OLIVEIRA, Antônio José de. Processo de “invisibilidade” dos índios Kariri nos sertões dos Cariris Novos na segunda metade do século XIX. **Clio: Revista de Pesquisa História**, Recife, v. 34, n. 2, p. 270-289, dez, 2016.

PELÚCIO, Larissa. Subalterno quem, cara pálida? Aparentamentos às margens sobre pós-colonialismos, feminismos e estudos queer. **Contemporânea**, São Carlos, v. 2, n. 2, p. 395-395, dez, 2012.

PEREIRA, Pedro Paulo Gomes. Judith Butler e a Pomba Gira. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 53, p. 1-14, 2018.

ROCHA, Tereza Raquel Arraes Alves da. Rememória Kariri: uma flecha para iluminar o coração. **Revista Vazantes**, Fortaleza, v. 5, p. 219-231, dez, 2021.

RODRIGUES, Aryon Dall’Igna. O artigo definido e os numerais na língua Kirirí: Vocabulário na língua português-kiriri e kiriri-português. **Revista Brasileira de Linguística Antropológica**, Brasília, v. 4, n. 2, p. 169-235, dez, 2018.

SIMAKAWA, Viviane Vergueiro. Considerações transfeministas sobre linguagem, imaginação e decolonialidade: a identidade de gênero como categoria analítica: a identidade de gênero como categoria analítica. **Cadernos de Linguagem e Sociedade**, Brasília, v. 21, n. 2, p. 452-471, dez, 2020.

SODRÉ, Muniz. **Pensar Nagô**. Petrópolis: Vozes, 2017.

**Recebido:** 04/03/2020.

**Aprovado:** 07/06/2022.

**DOI:** 10.3895/cgt.v15n46.11722

**Como citar:** JUNIOR, Ribamar José de Oliveira. **Cad. Gên. Tecnol.**, Curitiba, v. 15, n. 46, p. 276-291, jul./dez. 2022. Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/cgt>. Acesso em: XXX.

**Direito autoral:** Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.

